

PLANTAS ENTEOGENAS

Rio de Janeiro Jan/2011

ARTIGO ORIGINAL

Uso contemporâneo do *badoh negro*: uma visão junguiana

BESERRA, Fernando Rocha e BEZERRA, Carla Maria Portella Dias

RESUMO

No presente artigo, estudamos o consumo contemporâneo das sementes da planta *Ipomoea violacea*, conhecidas como *badoh negro* na antiga língua falada por povos indígenas da região de Oaxaca (México) que faziam um uso tradicional das sementes. Para este estudo nos valemos de quatro entrevistas semi-estruturadas com usuários do *badoh negro* do Rio de Janeiro e São Paulo. Como referencial metodológico, utilizamos o Discurso do Sujeito Coletivo.

Tivemos como finalidade do presente artigo refletir sobre o consumo contemporâneo do *badoh negro* a partir de uma perspectiva junguiana, visando contribuir para os estudos psicológicos sobre enteógenos, em específico do *badoh negro*, já que sequer encontramos estudos sobre o uso contemporâneo desta semente no campo da psicologia.

Palavras Chave: Jung, *Badoh Negro*, *Ipomoea violacea*, LSA, enteógenos, discurso do sujeito coletivo.

ABSTRACT

In this article, we studied the contemporary consumption of the seeds of *Ipomoea violacea*, known as *badoh negro* in the ancient language spoken by Indigenous peoples of Oaxaca region (México) who made a traditional use of the seeds. For this study we make use of four semi-structured interviews with *badoh negro* users of Rio de Janeiro and São Paulo. As a methodological framework we used the collective subject discourse.

We had the purpose of this article reflect about the contemporary consumption of *badoh negro* from a Junguian perspective, aiming to contribute of the psychological studies of enteogens, in specific the *badoh negro*, since we even find studies of the contemporary use of this seed in the psychological field.

Keywords: Jung, *Badoh Negro*, *Ipomoea violacea*, LSA, enteogens, collective subject discourse.

1 - INTRODUÇÃO

Embora haja grande publicação de trabalhos sobre o consumo de psicoativos, o número de textos abordando o consumo das sementes da glória da manhã *Ipomoea violacea* tem sido muito pequeno¹. A começar por historicamente não termos ampla referência ao consumo destas sementes, que contém LSA (amido de ácido d-lisérgico), chamada pelos astecas, na língua *nahuatl*, de *tlilitzin* (Schultes, Hoffman et Ralsch, 2000) ou de *badoh negro* na região de Oaxaca (op.cit).

Esta situação de pequena bibliografia sobre o tema torna-se ainda mais radical quanto tratamos de psicologia junguiana, onde mesmo a pesquisa sobre o consumo de SPA, de modo geral, se encontra ainda embrionária. Um dos livros clássicos neste aspecto é o de Luigi Zoja “Nascer não basta”, onde relaciona o consumo tradicional de substâncias psicoativas (SPA) à ritualização e a dependência química a um contexto onde existe a perda destes ritos que estabeleciam o sentido do consumo. Por outro lado, na contramão de Zoja, pesquisadores contemporâneos, entre eles junguianos, têm repetido sistematicamente a necessidade de separar o uso ocasional de SPA da dependência das mesmas (Xavier da Silveira et Moreira, 1996; Xavier da Silveira, 2002, Xavier da Silveira, 2006), considerando que o consumo por si só não leva necessariamente à dependência, pelo contrário, “a grande maioria dos usuários de droga não é e nunca vai ser dependente do produto” (Xavier da Silveira, 2002, p.15), pelo menos no que se refere a maioria das substâncias psicoativas (SPA). Nossa hipótese é que tampouco o consumo de SPA leve sempre a uma “iniciação negativa”². Nas palavras de Dartiu Xavier da Silveira e Fernanda Moreira (2006, p.4):

O consumo de substâncias psicoativas constitui fenômeno relativamente freqüente, sobretudo entre os jovens. Um grande contingente de pessoas experimenta tais substâncias. Destes, uma parcela considerável passa a fazer uso de forma ocasional, na maior parte das vezes sem conseqüências danosas. Uma pequena parte destes usuários ocasionais passa para padrões de uso de risco, e, alguns deles, vêm a se tornar dependentes.

Perguntamo-nos, portanto, se no uso dos chamados enteógenos, especificamente o *badoh negro*, existem cautelas no uso ou se, ao contrário, Zoja tem razão e o único uso hoje em dia é o consumista, o que ele chama de iniciação negativa. Para tal pesquisa nos focamos na utilização do *badoh negro*, uma substância que não é utilizada em nenhum ritual instituído, ou seja, seu consumo não possuiria um fator que Zoja (1992) (também Weil, 1986) considera como protetor no uso.

2 - METODOLOGIA

Procuramos, através de pesquisa bibliográfica e entrevistas semi-estruturadas, saber como se dá o consumo do *badoh negro* na cultura contemporânea urbana, observando se há alguma espécie de cuidado e conhecimento em relação ao uso, assim como suas

¹ - Sobre as sementes contendo amido de ácido lisérgico (LSA) como é o caso das sementes da *Ipomoea violacea* o único estudo encontrado no *Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies* foi o R. Andrew Sewell, Kyle Reed e Milies Cunning sobre a resposta a cefaléia (*cluster headache*) com a auto-administração das sementes contendo LSA. A pesquisa, consultada de 09/06/2010 encontra-se no link a seguir: http://www.maps.org/research/sewell_2008_aha_lsa_poster.pdf

² - Discutiremos posteriormente os termos usados por Zoja.

intenções. Desta forma, acreditamos poder abrir portas para o estudo deste enteógeno pouco conhecido no Brasil e que, entretanto, tem sido usado por psiconautas³.

As entrevistas foram realizadas com quatro usuários brasileiros do *badoh negro*, residentes em duas grandes metrópoles brasileiras (Rio de Janeiro e São Paulo). Embora tenhamos realizado seis perguntas nas entrevistas em questão, neste artigo, devido às limitações de sua amplitude, apresentaremos apenas os resultados de quatro perguntas. Para análise das entrevistas utilizamos o referencial do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). As perguntas foram pré-testadas para melhor adequação aos usuários. Os participantes da pesquisa foram esclarecidos que se trata de um estudo acadêmico e de sua relevância para pesquisas sobre o *badoh negro*.

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é uma estratégia metodológica desenvolvida por Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre, sendo uma técnica de análise do discurso qualitativa. O DSC é uma técnica diferente das técnicas utilizadas até então para analisar os discursos em ciências sociais e humanas. A maioria das técnicas, chamadas tradicionais, para apreender o pensamento de uma coletividade, em ciências sociais, era focada em análises quantitativas através de perguntas fechadas. Procuravam, assim, igualar o pensamento a medidas objetivas como peso, altura, etc., numa tentativa de enquadrar o enfoque social, no campo da pesquisa, dentro dos alicerces da ciência positivista. Nas palavras dos Lefèvre (2003, p.9):

[...] o modo habitual e tradicional de realizar esta pesquisa (o que uma coletividade acha, pensa, sobre um tema) implica em decompor o tema em uma série de questões fechadas com alternativas de resposta, ou seja, utilizar o esquema das pesquisas chamadas quantitativas.

A técnica do DSC “busca justamente dar conta da discursividade, característica própria e indissociável do pensamento coletivo, buscando preservá-lo em todos os momentos da pesquisa [...]” (op.cit, p.11). A definição do DSC dada pelos Lefèvre (2003, p.19) é do DSC como uma “estratégia metodológica que, utilizando uma estratégia discursiva, visa tornar mais clara uma dada representação social, bem como o conjunto de representações que conforma um dado imaginário”.

Por conseguinte, a proposta do DSC tem como base a possibilidade de uma espécie de soma dos discursos sem a perda do próprio discurso, o que se busca é reconstruir “com pedaços de discursos individuais, como em um quebra-cabeça, tantos discurso-síntese quantos de julgue necessários para expressar uma dada “figura”, ou seja, um dado pensar ou representação social sobre um fenômeno” (op.cit, p.19).

³ - O termo psiconauta foi criado por Ernst Junger em 1970. De acordo com Piñeiro (2000, p.18): “Tenho visto ser atribuída erroneamente esta palavra a Antonio Escobedo, Jonathan Ott ou a mim, com efeito, sabemos que a palavra ‘psiconauta’ foi criada por Ernst Junger e foi publicada pela primeira vez em 1970 em seu livro *Annäherungen. Drogen und Rausch* (Acerca de drogas e embriaguez)”. Sobre o conceito de psiconauta de acordo com Enrique Ocaña (apud Piñeiro, op.cit), estudioso de Junger o termo é utilizado “para referir-se aos viajantes que empreendem uma odisséia pelo universo interior com veículos psiquedélicos” (*Archipiélago*, no 28, p.78)” (op.cit). Jonathan Ott (apud Piñeiro, op.cit) no seu *The Angels Dictionary* define psiconauta como “Quem viaja ou ‘embarca’ em Odisséias chamânicas de descobrimento no universo da mente; um viajante mental”. A definição do próprio Juanjo Piñeiro é a seguinte: “pessoas que mediante o uso de substâncias enteodélicas ‘navega’ por distintas dimensões da realidade, explorando assim a consciência humana; ou, mais brevemente, psiconautas = explorador/a da realidade via enteodélicos” (op.cit). Todas as traduções em Piñeiro são do autor da monografia.

Ao realizar os quebras-cabeças com os discursos, formando discursos-síntese, estamos construindo os DSC propriamente ditos, a partir da conjunção das próprias falas dos sujeitos entrevistados. Formamos, desta forma, quantos DSC (ou discursos sínteses) forem necessários, a partir das Idéias Centrais (que procuramos entre as falas dos entrevistados), e das quais nos servimos para a realização de DSC com idéias semelhantes e conexas.

3 - BADOH NEGRO

O *Badoh negro* é um dos nomes dados às sementes da planta conhecida como *Ipomoea violacea* (gênero: *Ipomoea*, família: *Violacea* ou *Tricolor*). Seu uso tradicional foi descoberto pelos europeus no período próximo a sua chegada as Américas (Ott, 2004; Schultes, Hofmann et Ralsch, 2000). Foram descobertas as plantas *Ipomoea violacea* e *Turbina corymbosa*, ambas apresentando sementes com potencial enteogênico e com um uso tradicional por povos indígenas.

Depois da conquista do México em 1521 uma série de cronistas espanhóis, dos séculos XVI e XVII, fazendo referência às práticas religiosas dos astecas e de outros grupos indígenas, descreveram o uso ritual de umas sementes enteogênicas chamadas ololiuhqui “coisas redondas”. Afirmava-se que as sementes procediam de uma planta chamada coaxihuitl ou coatlxoxouhqui “planta serpente” ou “serpente verde”. (Ott, 2004, p.118)

A *Ipomoea violacea* é uma planta trepadeira da família *convolvulaceae* hoje universalmente utilizada como planta ornamental. “A *Ipomoea violacea* é conhecida popularmente no México como *quiebraplato*, nome que provem da palavra em língua mixe *piH pu ucte.sh* ou ‘*flor del plato roto*’. (Lipp 1990)” (Ott, 2004, p.120).

Suas sementes contêm como princípio ativo, assim como o *ololiuhqui*, o amido de ácido d-lisérgico (LSA-111) ou Ergina, além de “quantidades menores de isoergina, chanoclavina e elimoclavina” (Ott, 2004, p.120) e traços de ergonovina (op.cit).

A amida de ácido lisérgico, também conhecida como ergina, e o ácido lisérgico hidroxietilamida são os componentes principais da mescla alcalóide do ololiuhqui e pertencem a classe dos alcalóides indólicos (Schultes, Hofmann et Ralsch, 2000, p.171).

As sementes da *Ipomoea violacea* foram chamadas nas regiões próximas a atual Oaxaca de *badoh negro*, ou seja, primo próximo do ‘*badoh*’, isto é, as sementes da *Rivea corymbosa*. Em arquivos da Inquisição foi encontrado o termo “*ololiuhqui del moreno*” de um escravo negro, que era curandeiro, para referir-se a elas (Wasson, 1963). Nas palavras de Schultes, Hofmann e Ralsch (2000, p.174):

Os astecas consideravam como alucinógeno sagrado a outra maravilha: Ipomoea violacea; chamavam “tlitiltzin” a suas sementes; este termo em náhuatl mais um sufixo que indica reverência significa “negro”. As sementes desta maravilha são alargadas, angulosas e negras, enquanto que as da Turbina corymbosa são redondas e cafés [...]. Ipomoea violacea se

*usa especialmente nas áreas zapotecas e chatin em Oaxaca, onde são conhecidas com o nome de badoh negro.*⁴

Outro nome utilizado para referir-se a estas sementes pelos mixe era *masung-pahk* ou “ossos das crianças”. “Os zapotecas também chamam a semente da *Ipomoea violacea* *la’aja shnash* ou “semente” da virgem, da onde provavelmente deriva o termo mexicano contemporâneo, sementes da virgem (Wasson 1963)” (Ott, 2004, p.120). É comum que se acredite que o termo “sementes da virgem” derive do sincretismo religioso, ou seja, da ligação com a Virgem do catolicismo, entretanto, é mais provável que o *la’aja shnash* seja um nome derivado de um antigo costume zapoteca no qual meninas virgens eram encarregadas em moer as sementes enteogênicas (Ott, 2004).

Quem sintetizou o LSA pela primeira vez foi Albert Hofmann, o mesmo pesquisador suíço que sintetizou o LSD e em 1960 se tornou um marco tanto da ciência como dos contraculturalistas psicodélicos (Wasson, 1963; Escohotado, 1997).

A princípio de 1960 Wasson o enviou 12 kilos de sementes de Turbina corymbosa e 14 kilos de sementes de Ipomoea violacea (Hofmann 1963a). Wasson havia obtido as sementes com a ajuda do eminente antropólogo Robert Weitlaner, e sua filha Irmgard e Thomas MacDougall. Antes de terminar este ano, Hofmann e seus ajudantes conseguiram isolar e identificar os princípios ativos. O constituinte principal de ambas as espécies resultou ser a amida de ácido d-lisérgico ou ergina (LSA-111) (Ott, 2004, p.120).

Pelo menos até a 1971, quando Hoffman fazia um estudo sobre o *ololiuhqui*, estas sementes eram utilizadas de forma tradicional por povos no México (Zapotecas, Chiantecas, Mazatecas e Mixtecas), em regiões mais distantes dos “povos ocidentais”, mesma consideração feita por Heacock (1975). Ele foi tradicionalmente usado pelos astecas (Hoffman, 1971) em suas cerimônias religiosas. O uso do *ololiuhqui* provavelmente foi muito extenso nos vales do México pré-hispânico, Hoffman (1971) e Heacock (1975) chegam a sugerir que a substância tenha sido mais importante no contato com a divindade que o *teonanáctli* e o cacto peiote. Por outro lado, Terence Mckenna vê a situação diferente, e acredita que o *badoh* e o *badoh negro* tenham sido utilizados mais como substitutos em tempos de falta dos cogumelos psilocínicos (como o *teonanáctli*). Nas palavras do autor:

As terras altas de Mazateca, no México, são o lar de duas espécies de ipoméias. A Ipomoea púrpura e a Turbina (anteriormente Rivea) corymbosa. As propriedades do ergot, que interessaram a Albert Hofmann e levaram eventualmente à descoberta do LSD, de ser constritor da musculatura lisa, e com isso uma ajuda potencial no trabalho de parto, há muito eram conhecidas das parteiras da Sierra Mazateca. A dissolução das fronteiras perceptíveis e o influxo de informações visionárias tornaram essas ipoméias o substituto preferido nos tempos em que não havia disponibilidade de cogumelos contendo psilocibina. (Mckenna, 1995, p.309-310)

⁴ - Todas as traduções em Schultes, Hofmann e Ralsch (2000) são do autor da monografia.

Destas considerações podemos perceber que também o uso médico era muito importante, tendo sido o *ololiuhqui* utilizado para “curar flatulências, para sanar problemas venéreos, para atenuar dores e remover tumores”⁵ (Hofmann, 1971, s/p). Assim como o *badoh negro*, suas sementes eram usadas após serem esmagadas e tomadas em água ou bebidas alcoólicas como o pulque, mescal ou aguardente (op.cit).

As primeiras notas botânicas do *badoh negro* (Stafford, 1983) e do *ololiuhqui* provêm de Francisco Hernandez, um espanhol que entre 1570 e 1575 realizou uma extensa pesquisa sobre a flora e fauna do México para Philip II (Hofmann, 1971). O mesmo Hernandez disse que os xamãs comem *ololiuhqui* que induz um estado delirante no qual eles ficam “aptos a receber mensagens do sobrenatural e comunicar-se com seus deuses” (op.cit), além de terem visões e entrarem em estados alucinatórios sob a influência da substância psicoativa (SPA).

Em 1960 foi (re)descoberta, pelos não índios, especificamente por Thomas MacDougall (ou Totnis MacDougall) o uso da semente da *Ipomoea violacea* (Wasson, 1963). MacDougall observou seu uso em várias partes de Oaxaca, especialmente na área Zapotéca, usada de igual forma ao *badoh* ou *ololiuhqui* (op.cit).

Considerando o *badoh negro*, é interessante falarmos do uso que se dava a tal semente. No seu consumo só era utilizado um número de sementes múltiplos de 13 e o *badoh negro* era conhecido como masculino, sendo considerado mais potente que o *badoh*, o que ficou confirmado por análises químicas, onde se verificou que a “concentração total de alcalóides se estimou em 0,012% na *Turbina corymbosa* e em 0,06% na *Ipomoea violacea* (Hofmann apud Ott, 2004, p.120). O *badoh*, *ololiuhqui* ou ainda *hembra*, era considerado feminino e era utilizado em múltiplos de 7, sendo as quantidades comuns de 14 a 21 sementes (Wasson, 1963).

Num dos mais famosos e informativos sites sobre substâncias psicoativas do mundo, o site Erowid, encontramos relatos de que as quantidades enteogênicas mínimas se dariam no consumo de 20 a 30 sementes, outros relatam que o efeito mínimo se dá partir de 35 sementes, sendo comum a extração do LSA e não a mastigação direta das sementes. A posologia indicada por Antonio Escohotado em *Historia de las drogas II*, é que para pessoas entre 50 e 70kgs a dose ativa mínima é de 0,5 miligramas, sendo a dose média de 2mg e as altas entre 4 e 5mg. Uma dose média considerada por ele é de 30 sementes de *Turbina corymbosa* e uma alta entre 60 e 100 sementes de *Ipomoea violacea*. Sabemos que há uma grande variedade de LSA nas sementes, determinadas por muitos fatores. O site EROWID, especializado em SPAs, disponibiliza mais de uma tabela para determinar a intensidade da dose. A primeira tabela dá as seguintes dosagens: “Dosagem do uso oral das sementes de *Ipomoea violacea*. Leve: 50-100 sementes (1,5-3g); comum 100-250 sementes (3-6g); forte: 250-400 sementes (6-10g); pesada: 400 ou mais sementes (10+ g)”, onde se pode notar um distanciamento das quantidades tradicionais utilizadas.

Ambas as sementes eram muito utilizadas para prática da adivinhação, além de ritos de iniciação e cura de enfermidades (Escohotado, 1997). Era comum o seu consumo para descobrir a doença que o enfermo possuía, encontrando esta num mundo invisível a consciência ordinária. O uso habitualmente se dava em locais totalmente distantes de qualquer barulho ou interferência, sendo um uso bastante isolado e não coletivo

⁵ - As traduções em Hoffman (1971) são do autor da monografia.

(Schultes, Hofmann et Ralsch, 2000). Usavam as sementes normalmente o xamã e o enfermo. De certo modo parece que tal uso pelo enfermo visava tanto servir como remédio, caso a cura fosse possível, em comunhão com as palavras e intervenções do xamã, assim como em casos de cura impossível servia como uma forma de resignação mais adequada, que talvez não fosse possível sem o uso das sementes.

4 - JUNG, JUNGUIANOS E OS ENTEÓGENOS

O psicólogo/psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) nunca tratou exaustivamente o tema de substâncias psicoativas, assim como especificamente da classe de SPA que chamamos de enteógenos ou psiquedélicos. Grande parte destas substâncias foram (re)descobertas próximas a década de 60 tendo sido popularizadas, ou ao menos um pouco mais conhecidas, perto da década de 70 com a explosão do movimento hippie, além da divulgação por parte de pesquisadores e da mídia. Lembremos que Jung faleceu em 1961, sendo assim conheceu um pouco melhor a mesalina que foi utilizada por Aldous Huxley, autor que narrou seu uso no livro *The Doors of Perception* (As Portas da Percepção) e posteriormente em *Heaven and Hell* (Céu e Inferno). Nas palavras de Marie-Louise von Franz (2004, p.323), Jung:

[...] só estava familiarizado com os efeitos da mesalina (especialmente através da descrição de Aldous Huxley) e sabia apenas que esses produtos farmacêuticos estavam começando a chamar a atenção na psicoterapia. Ele admitiu em uma carta escrita em abril de 1954 que não estava suficientemente familiarizado com o valor psicoterapêutico dessas drogas, no caso de pacientes neuróticos e psicóticos, para ser capaz de formar um julgamento conclusivo.

Fica claro que o uso de enteógenos, e Jung estava certo quanto a isso no uso da mesalina, contribui para a “entrada” no inconsciente. O contato voluntário do sujeito com o inconsciente parece ser benéfico considerando a unilateralidade do sujeito contemporâneo, focado excessivamente no mundo externo e na razão ocidental. A vida “civilizada” exige “uma atividade concentrada e dirigida da consciência, acarretando, deste modo, o risco de um considerável distanciamento do inconsciente” (Jung, 2006, p.3). Se a unilateralidade é inevitável, sendo ao mesmo tempo uma vantagem e uma desvantagem (Jung, 2006), devemos também considerar que:

A terapia analítica nos proporcionou uma profunda percepção da importância das influências inconscientes, e com isto aprendemos tanto, para a nossa vida prática, que julgamos insensato esperar a eliminação ou a parada do inconsciente depois do chamado término do tratamento. (Jung, 2006, p.3).

Não se deve pensar na eliminação do inconsciente, pois este não se traduz como refugio da consciência, mas como centro criativo e onde se encontram muitos potenciais não desenvolvidos do sujeito e da sociedade, apenas para falar um dos aspectos da positividade do inconsciente. Jung diz não considerar a:

[...] a influência do inconsciente sobre a consciência simplesmente como oposição, mas como compensação, complementação, na medida em que é

capaz de acrescentar à consciência tudo aquilo que impede o ressecamento e entorpecimento numa direção unilateral. (Jung, 2000, p.23)

Como na imaginação ativa⁶, por exemplo, o contato voluntário com o inconsciente poderia contribuir para o processo de individuação. Para que ocorra uma verdadeira integração, entretanto, é necessário que a consciência possa reconhecer o elemento simbólico do inconsciente, favorecendo uma dialética consciência-inconsciente.

Portanto, o inconsciente só terá para nós uma função criadora de símbolos se estivermos dispostos a reconhecer nele um elemento simbólico. Os produtos do inconsciente são pura natureza. A natureza não é por si só um guia, pois não existe em função do homem. Mas se quisermos valer-nos dela como tal, poderemos dizer como os antigos: naturam si sequemur ducem, nunquam aberrabimus (se tivermos a natureza por guia, nunca trilharemos caminhos errados). (...) O mesmo acontece com a função orientadora do inconsciente. Pode-se usar o inconsciente como fonte de símbolos, mas com a necessária correção consciente [...]. (Jung, 2000, p.27).

Portanto, no que concerne a teoria junguiana, podemos dizer que esta aproximação do inconsciente, com as cautelas expostas, inclusive na necessidade da elaboração consciente pode ser extremamente benéfica para uma cultura unilateral, que sempre aposta na razão e na fragmentação em oposição a intuição, ao sentimento e a integração. Nas palavras do criador da psicologia complexa, escritas em 1939:

A humanidade experimentou inúmeras vezes, individualmente quanto como coletividade, que a consciência individual significa separação e inimizade. No indivíduo, o tempo de dissociação é tempo de doença, o mesmo acontecendo na vida dos povos. Não podemos negar que a nossa época é um tempo de dissociação e doença. (Jung, 2000, p.134)

Para ampliarmos a discussão, recorremos a Luigi Zoja uma referência para os junguianos no que se refere ao estudo de substâncias psicoativas pelo viés da psicologia complexa. O autor inova ao propor sua perspectiva se aproximando tanto de Jung quanto de Mircea Eliade, e Melanie Klein, para entender o fenômeno do uso tradicional de SPA, assim como seu consumo contemporâneo. Em seu livro, já nas primeiras linhas, estabelece sua posição baseada em Eliade para quem uma “das grandes diferenças entre o mundo arcaico e o mundo moderno está justamente no desaparecimento da iniciação” (1992, p.1).

A partir de sua visão da sociedade ocidental abandonando a iniciação e se opondo a morte, Zoja considera que a iniciação, por ser uma necessidade arquetípica, tende a retornar, mas, como foi relegada ao inconsciente, retornaria de modo indiferenciado ou

⁶ - “O resultado mais importante da imaginação ativa, segundo Jung, é fazer com que o analisando se torne independente do analista. Por esse motivo, não devemos interferir nela (a não ser para operar correções no método)” (Franz, 1999, p.194). Em seu livro “Psicoterapia” Marie Louise von Franz nos fala sobre a prática da imaginação ativa, mostrando a íntima relação entre o início da imaginação ativa e a entrada em contato com o inconsciente, a elaboração do material (p.ex, através de pintura, dança, etc) e finalmente o confronto moral com o material produzido. Nas palavras de Franz (op.cit, p. 166-167): “[...] a imaginação ativa confere expressão ao fator psíquico que Jung chamou de função transcendente (a função que realiza uma síntese entre a personalidade consciente e a inconsciente). Por conseguinte, a imaginação ativa efetua algo semelhante a um amadurecimento da personalidade mais intenso e acelerado (em comparação apenas com a análise dos sonhos)”.

mesmo negativo. Como a iniciação teria 3 fases: “situação inicial-morte-renascimento”, Zoja (1992), por exemplo, considera que o renascimento seria favorecido pela partilha coletiva da experiência, e: “quimicamente, por um consumo controlado de droga: esse controle é uma fantasia quase sempre presente entre os jovens drogados, mas, em geral, só em certas sociedades primitivas possui realidade efetiva”.

Na procura de uma identidade diferenciada o dependente de SPA se associaria a um “mundo da droga”, com a imagem “sou um drogado”, que o levaria a uma posição de “herói negativo”, ou seja, um heroísmo subversivo e destrutivo (que Zoja chama de herói destruidor). Para Zoja (1992, p.32), em nossa cultura “o sentimento heróico é reprimido pela maioria, que, acumulando um rancor inconsciente pela perda, cai na insipidez de uma previsibilidade anti-heróica”, neste caso, o sentimento heróico vira monopólio “de indivíduos que se contrapõem à norma coletiva, quer através de seu caráter anti-social, quer através da sua irracionalidade” (op.cit). A associação aí seria do arquétipo do herói com a sombra, com o mal, destrutividade, e com o grande recalco ocidental, a morte. Entretanto, se pensarmos de forma acurada, perguntaremos se não é possível: A) uma associação com a sombra que seja benéfica. Isto é, a integração de conteúdos subversivos e reprimidos que, porventura, sejam necessários a uma nova sociedade (p.ex, compensação da racionalidade unilateral) e se B) Isso acontece em relação aos dependentes de SPA ou a qualquer usuário? Ao optar pelo privilégio da norma sobre a subversão, Zoja pode acabar reforçando a unilateralidade e fixação da atual política capitalista, comumente neoliberal e hiperstaseando o consumo ignorando os apelos por mudanças nas políticas econômicas, sociais, etc, que poderia reduzir a opressão do homem pelo homem e, além disso, a destruição planetária.

Sobre as posições iniciáticas que esclarecemos acima, Zoja considera que na dependência o fio condutor da imagem do herói negativo nos leva até a idéia de iniciação negativa. Por iniciação negativa entendamos:

Uma iniciação destrutiva e inconsciente que tende, como única renovação, a perda da condição ou da personalidade até então subsistente, que não inaugura novas condições e encontra na pura perda a sua realização e o seu acabamento (Zoja, 1992, p.35).

Ou seja, estamos tratando na iniciação negativa de uma iniciação as avessas. Resta saber se de fato isto acontece na cultura contemporânea em condições onde não existe o uso ritual *stricto sensu*. Poderemos desenvolver este ponto a partir da análise das entrevistas realizadas.

5 - DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVO

Utilizarmos para a análise, os discursos do sujeito coletivo que obtivemos a partir das entrevistas semi estruturadas com 4 usuários brasileiros do *badoh negro*. Abaixo expomos as perguntas com suas respectivas Idéias Centrais (IC) e os Discursos do Sujeito Coletivo (DSC) obtidos em cada uma.

Pergunta 1: Como você faz o uso das sementes da *Ipomoea violacea*? Existe alguma preparação das sementes?

Idéia Central (IC) da pergunta 1: Sim, existe um tipo de preparação para diminuir os efeitos sobre o estômago

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC): Sim, existe um tipo de preparação para diminuir os efeitos sobre o estômago. Primeiro a gente separo as sementes, depois que separa as sementes você tritura e depois bota na água, após isso coar usando um coador de pano para café. Cada um com seus recipientes evitando ao máximo colocar aquele pó por causa de ânsia de vômito e então a gente toma. Há uma outra forma em que já usei as sementes e essa foi mastigando, também tive um resultado quanto a viagem, mas os enjoos e dores no estômagos foram bem maiores

Pergunta 2 – Existe alguma preparação psicológica ou espiritual? Quais?

IC 1 da pergunta 2: A pessoa tem que estar calma, equilibrada mental, emocional e espiritualmente

DSC 1 da pergunta 2: Foi uma preparação psicológica. Falei alguma coisa assim: é meu desejo ter um aumento de poder pessoal... com o uso destas sementes. Em minha experiência e ao vivenciar as experiências de alguns amigos, a pessoa jamais deve ingerir qualquer alucinógeno-enteógeno se ela não estiver equilibrada, mental, emocional, espiritualmente. Você tem que estar calmo, não ansioso. As pessoas elas não eram expostas a ambientes hostis, elas tinham que ficar paradas, quietas, e tal... antes fazer uma meditação... A única coisa era que não incomodasse o psiconauta. Num nível mais espiritual uma preparação pode ser feita, a pessoa pode ingerir com intenções espirituais, como resolver algum tipo de problema, se iluminar, obter auto-conhecimento ou simplesmente contatar e fundir em comunhão com Deus, ou com qualquer coisa que ela acredite.

IC 2 da pergunta 2: Existe mais uma preparação física

DSC 2 da pergunta 2: Não, existe mais uma preparação física.

Pergunta 3 – Há alguma finalidade no uso das sementes?

IC 1 da pergunta 3: Busca de auto-conhecimento, crescimento pessoal

DSC 1 da pergunta 3: Quando eu preparei as sementes, determinei meu intento: aumentar o meu poder pessoal. Ter novas experiências para poder contribuir, assim, para meu crescimento de alguma forma, sabe? Dentro do paradigma ocultista, “meu paradigma”, sempre buscamos o auto-conhecimento e também experimentar o universo sem as barreiras de nossa percepção comum. Experimentação com estado de consciência alterado.

IC 2 da pergunta 3: A experiência por si só

DSC 2 da pergunta 3: A finalidade era ter a experiência por si só. Foi só curiosidade mesmo, só para experimentar. Experimentação com estado de consciência alterado.

Pergunta 4 – Elas têm algum efeito em você? Quais?

IC 1 da pergunta 4: Para cada um tem um efeito diferente

DSC 1 da pergunta 4: O próprio efeito também eu acho que vem de cada um, porque cada um teve um efeito diferente acho que vem mais de... Vem mais de... Não sei se é psicológico, se é biológico, se é genético, se é a emoção que você tá sentindo na hora que vem pra fora. Eu não sei explicar direito, mas é bem interessante.

IC 2 da pergunta 4: Sensação de Calma

DSC 2 da pergunta 4: Então, ela me deu uma calma, né? No meu caso eu só senti muita tranquilidade, só uma paz mesmo. Nada muito forte.

IC 3 da pergunta 4: Um efeito muito forte, só experimentando para saber

DSC 3 da pergunta 4: É mais fácil descrever a intensidade do que o efeito em si, porque foi algo muito forte. Só experimentando mesmo para sentir

IC 4 da pergunta 4: Quebra da percepção egóica e encontro de “outra coisa”

DSC 4 da pergunta 4: Com o enteógeno quebrei aquela minha percepção egóica de eu e encontrei outra coisa completamente diferente. Isso mudou minha vida e minha própria maneira de lidar comigo. Tive comportamentos diferentes, tive alguns insights, eu senti assim como se as duas extremidades do meu cérebro fossem vazias, sabe? Tive assim uma alteração muito grande, e eu senti muito esse efeito espiritual anterior, entendeu? Porque parecia que tava diferente, eu tava me sentindo diferente. Era como se eu não precisasse utilizar da razão, porque a razão ia limitar o que eu queria expressar e então eu tinha que falar por meio de metáforas, por meio de poemas. Creio que a expansão de consciência que temos no momento em que estamos sob o efeito do enteógeno nos permite ver muitas coisas sem bloqueios e com clareza. Também houve muitos efeitos no que concerne ao ser e “como” ser, justamente por ter uma visão de outra percepção totalmente distinta da percepção habitual, sem aquela crosta de pensamentos repetidos, comuns e obsessivos. Acho que de todos os efeitos, o que eu julguei mais benéfico foi ver que vamos e estamos muito além disso, muito além dessa rotina e desses sentimentos comuns, podemos ver que há alguém que nós somos muito diferente do que gostamos de acreditar que realmente somos. Ainda que por um momento, me encontrar comigo mesma e ver que há muito de mim que eu ainda não pude acessar, que há muito de mim que eu não conhecia, e que há muita beleza em mim mesma que eu jamais tinha notado em qualquer outro momento em minha vida.

5.2 – ANÁLISE JUNGUIANA DOS DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVO

A psicologia complexa de Carl Gustav Jung se desviou dos pretensiosos objetivismos da epistemologia positivista, fundada por Augusto Comte, e moldada historicamente por Isaac Newton e René Descartes (Beserra, 2008), assim como dos subjetivismos e solipsismos que ganharam tanta relevância no, assim chamado, pós modernismo ou, como o chama o sociólogo polonês Zygmund Bauman, sociedades líquidas. Portanto, a existência, para o psiquiatra suíço, só podia se dar numa íntima relação entre o social e o individual, entre cultura e natureza, espírito e instinto, depassando, transformando e integrando, as divisões típicas da lógica ocidental “ou ou”.

Ira Progroff (1955) em seu livro “Psicologia de Jung e seu significado social” irá considerar que, apesar de Jung ter sempre em mente os casos individuais, tal qual um psiquiatra, por outro lado ele se baseou numa visão que parte do social para encontrar o individual. Para Progroff (1955, p.160): “O tratamento de Jung das questões sociais é carregado, em geral, pelo propósito de responder questões psicológicas, mas ele tem um resultado adicional”. Este resultado adicional seria o encontro com uma dinâmica interna da mudança social.

Jung (1999, p.11) considera que: “Como ser social, o homem não pode permanecer desligado da sociedade por muito tempo”, por outro lado, pode-se questionar se o Si-mesmo (*Selbst*) não seria, também, ou além de tudo, uma parte da personalidade ou uma pré-individualidade que precede o social, ao menos virtualmente⁷. Outra questão a ser colocada em evidência é o discurso inflamado – e ambivalente – de Jung contra a massa, ou melhor, contra a massificação. Para Jung (1999) a única forma de salvar o indivíduo da massificação do Estado, em especial das ditaduras, seria a contraposição do sujeito a partir da religião. Essa afirmação não é simples e temos que compreender, antes, o que Jung entende quando pensa em “religião”. A religião:

No sentido de observação cuidadosa e consideração de certos fatores invisíveis e incontroláveis, constitui um comportamento instintivo característico do homem, cujas manifestações podem ser observadas ao longo de toda a história da cultura. Sua finalidade explícita é preservar o equilíbrio psíquico do homem, pois ele sabe de maneira espontânea que sua função consciente pode ser perturbada, de uma hora para outra, por fatores incontroláveis, tanto de natureza exterior como interior (Jung, 1999, p.12).

Em seu ácido e radical livro, Presente e Futuro, o psicólogo suíço distingue religião de confissão. Trata-se de uma distinção mal esboçada, considerando que o vernáculo confissão é excessivamente voltado a uma religião específica, a saber, o cristianismo. A sua distinção, todavia, vai ao ponto. Por religião confessional Jung entende uma tradição estabelecida, voltada excessivamente aos seus códigos e tradições instituídos. Nas palavras de Jung (op.cit, p.10):

As confissões, enquanto compromissos com a realidade mundana, evoluíram, conseqüentemente, para uma crescente codificação de suas visões, doutrinas e usos. E assim se exteriorizaram de tal maneira que o

⁷ - Esta perspectiva pode ser bem observada no livro de Jung, nas obras (in)completas em português, “Desenvolvimento da Personalidade”. A mesma visão é encontrada na psicologia arquetípica, na obra de James Hillman denominada “Código do Ser”. De acordo com Marcus Quintaes: “A psicologia arquetípica é uma psicologia que se inscreve sob o signo da multiplicidade e da pluralidade. Ela encontra suas raízes na definição que Jung dá ao que ele considera como personalidade: personalidade é suprema realização da idiosincrasia inata do ser vivente”.

elemento religioso verdadeiro nelas – a relação viva e o confronto imediato com o ponto de referência extramundano delas – foi posto, na verdade, num plano secundário. O ponto de vista confessional toma a doutrina tradicional como parâmetro para o valor e o significado da referência religiosa subjetiva.

Portanto, considerando a relevância de estudos dos fenômenos sociais contemporâneos para o desenvolvimento da psicologia junguiana, pode-se dizer que os mesmos não devem ser considerados estudos periféricos, como se a psicologia clínica devesse ser o centro da pesquisa em psicologia junguiana. Ao contrário, os estudos da diversidade dos modos de contato com o inconsciente são basais para a psicologia complexa.

Finalmente nos focando nas entrevistas, podemos dizer que as entrevistas realizadas não são enfocadas diretamente no conteúdo simbólico proveniente da experiência pessoal com enteógenos, entretanto, isso de modo algum impossibilita ou diminui a nossa possibilidade de compreensão do fenômeno psiconauta, em específico dos usuários brasileiros do *badoh negro*. Podemos entender, a partir dos DSC, que os usuários, normalmente orientados por usuários mais experientes, procuraram reduzir seus riscos no uso no nível físico (p.ex, discurso do sujeito coletivo (DSC) da idéia central (IC) 1 da pergunta 1) e, tão ou mais importante, é a atitude direcionada a um cuidado de si, uma procura por renovação e auto-transformação (O DSC da IC 1 da pergunta 2, embora esta IC não tenha sido consensual e tenhamos outro DSC relativo a mesma pergunta) que nos leva diretamente a antiga noção de *religare*, isto é, a maneira como Jung entende a religião ou atitude religiosa. Essa visão pode ser observada no discurso do sujeito coletivo relativo à pergunta 4, idéia central 1, onde se lê: “Dentro do paradigma ocultista, “meu paradigma”, sempre buscamos o auto-conhecimento e também experimentar o universo sem as barreiras de nossa percepção comum”. Essa busca, pela via dos enteógenos, acaba sendo também uma maneira contemporânea, isto é, uma atualização, da utilização ubíqua dos enteógenos pelos curandeiros e xamãs para entrar em contato com uma realidade não ordinária. Certamente existem vários fatores que se entrelaçam neste uso, que não pode ser simplificado ou reduzido a um revival ou renascimento causal de antigos modos de existência, atuais em um número cada vez menor de tribos de povos tradicionais. Tampouco podemos considerá-lo um fenômeno casual.

Sabemos, pelas nossas próprias artérias expostas, que a vida contemporânea, vida de “cidade grande” não permite, não disponibiliza o tempo para o silêncio, para o contato interior, exceto quando nos desviamos, caímos no buraco, sofremos. Nestes momentos torna-se possível, em algumas situações, olhar para si, parar, respirar, mesmo que o ar sujo atravessado por nuvens de fumaça. A religião, o contato cuidadoso com o mistério, é resumida a pó pelas religiões materialistas (Ott in Piñeiro, 2000) ou religiões confessionais (Jung, 1999), e como na uso moderno da antiga planta sagrada coca transformada em cloridrato, cloridrato de cocaína, aceleramos, ininterruptamente, perdendo a possibilidade de enxergar através de outros tipos de tempo e existência, o tempo é o tempo cortante do modo de organização capitalista, o tempo do trabalho, do ego, da produção acelerada e alienada, sem direitos à imaginação ou à subjetividade. Chefe Seattle (apud Mello, 2002, p.36) diz: “Não existe lugar nas cidades para o silêncio, para ouvir a natureza. Nos seus barulhos estão os nossos barulhos, nos nossos ruídos estão a ecologia desse caos/unidade”.

Nas palavras de Jung (2000, p.23), publicadas em 1918 no artigo “Sobre o Inconsciente”, o inconsciente contém, além de todos os elementos recalçados:

[...] as obscuras fontes do instinto e da intuição, a imagem do homem como sempre foi desde tempos imemoriais, além daquelas forças que a mera racionalidade, conveniência e sensatez de uma vida burguesa jamais poderiam despertar para uma ação vital, aquelas forças criativas que sempre de novo conseguem levar a vida do homem a novos desdobramentos, novas formas e novos horizontes. Por isso não considero a influência do inconsciente sobre a consciência como oposição, mas como compensação, complementação, na medida em que é capaz de acrescentar à consciência tudo aquilo que impede o ressecamento e entorpecimento numa direção unilateral.

O que obscurece nossa existência, longe de ser o aracional, as fantasias do inconsciente, as imagens numinosas que emergem do despertar enteogênico, é a unilateralidade, o entorpecimento na direção unilateral, que engessa e paralisa, numa tal ausência de *pathos*, que nos faz devir patologia. *Pathos*, paixão, pode ser entendido aqui a partir de uma das imagens de Jung para a neurose: “Não somos nós que curamos a neurose, é a neurose que nos cura”. Imagem também tão amada por James Hillman. Imagem que nos faz vacilar diante de nossas tão bem adaptadas representações do cidadão do bem, do cidadão de bens, do cidadão modelo, construído com tanto cuidado nos meios de comunicação de massa.

Nos DSC construídos, entretanto, não tivemos apenas esta busca por transformação, mas também encontramos o aspecto da experimentação, da descoberta. Isso fica claro no DSC formado a partir da IC 2, referente à pergunta 4, onde se lê: “A finalidade era ter a experiência por si só. Foi só curiosidade mesmo, só para experimentar. Experimentação com estado de consciência alterado”. Neste caso há menos consciência, menos uma elaboração nos objetivos, que podem reunir, por exemplo, aspectos lúdicos (uso para diversão) com buscas de si, de uma alteridade em si, do mundo. Poderíamos nomear muitas buscas, mas estaríamos apenas extrapolando o discurso. A imagem deste DSC é esta: não nomeada, o uso pela curiosidade, per se. Ficamos com a imagem aceitando seu mistério, assim como é, de fato, o uso de uma substância tão excêntrica para o padrão ocidental contemporâneo, como o *badoh negro*.

Uma das perguntas que fizemos em nossas entrevistas foi sobre o efeito, isto é, como se dá o efeito do *badoh negro* para o usuário (pergunta 4). Tivemos quatro idéias centrais em nossos discursos dos sujeitos coletivos. A primeira foi mais analítica, ressaltando a singularidade dos efeitos, suas diferenças em cada usuário. Na segunda foi ressaltada uma sensação de calma, de tranquilidade, dando a entender um efeito mais sedativo – comumente relatado no uso das sementes da *Ipomoea violácea*. Na terceira IC da pergunta 4 foi ressaltada a intensidade do efeito, descrita como “muito forte, só usando para saber”. Este discurso pode ser refletido ou pelas quantidades utilizadas, muito maiores do que dos usos tradicionais, que possuíam organizações rituais mais claras, instituídas, que poderiam levar a uma intensificação dos efeitos ditos placebos, ou, dito de outro modo, intensificar a experiência de relação com a realidade não ordinária. A efetiva afirmação desta conjectura, entretanto, merecia outros estudos para ser corroborada. Finalmente, relativa a pergunta 4, temos o IC 4 que nomeamos da seguinte forma: “Quebra da percepção egoica e encontro com ‘outra coisa’”. O início da IC 4 é significativo: “Com o enteógeno quebrei aquela minha percepção egóica de eu e

encontrei outra coisa completamente diferente. Isso mudou minha vida e minha própria maneira de lidar comigo”.

RESULTADOS

Observamos que a teoria junguiana nos fornece, pelo valor que dá aos símbolos, a sua epistemologia complexa (Beserra, 2008) e o valor que dá a experiência mesma, sem denegri-la como “mera fantasia” ou “crendice”, um excelente recurso para compreender os estados alternativos de consciência. Carl Gustav Jung foi um exímio estudioso não apenas da psique humana, mas sobretudo de suas relações sociais, históricas e arquetípicas, e, ao estudar a psique nestas relações, nos forneceu ferramentas de extrema valia na compreensão dos estados alternativos de consciência, sem um prisma unilateral que cega as possibilidades de entender os estados alterados induzidos ou catalizados pelo uso de substâncias psicoativas. Estas visões deturpadas, ainda predominantes no senso comum e na ótica da “*War on Drugs*”, só são capazes de ver o lado negativo, o uso indevido das SPA, assim como os teóricos baseados na ciência sob o referencial de uma epistemologia positivista são incapazes de compreender os fenômenos religiosos, reduzindo-os a ilusões, regressões a infância, senão meras formas de controle social.

Jung teve pouco contato com o estudo e experiência com enteógenos. Embora tenha sido cuidadoso ao abordar o tema, considerou que não haveria maior necessidade de contato com o inconsciente coletivo do que já o temos através dos sonhos e da intuição, isto é, dos métodos utilizados pela psicologia criada por Jung, pois tal contato via enteógenos implicaria em responsabilidades que, talvez, ainda não estejamos prontos para lidar. Jung disse uma vez “Graças a Deus sou Jung e não junguiano” ao que Adams (2006) responde: “Graças a Deus que sou um junguiano e não Jung”. Se pensarmos pela perspectiva do processo de individuação e na imaginação, ou imaginal, como algo sempre criador, é fundamental que não estejamos presos, para sermos junguianos, a Jung. Se Jung conhecia pouco de enteógenos, cabe aos junguianos imaginar-sobre a partir desta temática tão inspiradora e tabu. Talvez, mesmo, sejamos levados a re-imaginar e re-visionar muitas de nossas perspectivas. Com efeito, parece ser este o caminho necessário para não engessarmos as contribuições de Jung. James Hillman (1987) em “A herança daimônica de Jung” nos fala que “Seguidores podem ser razoáveis e aceitáveis; Jung só podia ser escandaloso e radical”. Mais importante do que o conteúdo, Hillman considera que era o olhar de Jung para as diferenças e seus desenvolvimentos que caracteriza sua psicologia inovadora.

Acerca das questões levantadas sobre as pesquisas de Zoja, o autor de “Nascer não basta” nos diz que a iniciação negativa, que seria, por excelência, a iniciação contemporânea no uso de SPA, seria uma iniciação:

[...] destrutiva e inconsciente que tende, como única renovação, a perda da condição ou da personalidade até então subsistente, que não inaugura novas condições e encontra na pura perda a sua realização e o seu acabamento (Zoja, 1992, p.35).

Podemos constatar, a partir das entrevistas realizadas, que isto não pode ser generalizado, pois a partir do DSC observamos o relato de mudanças afirmativas na vida dos usuários, que podemos resumir com a seguinte passagem:

Creio que a expansão de consciência que temos no momento em que estamos sob o efeito do enteógeno nos permite ver muitas coisas sem bloqueios e com clareza. Também houve muitos efeitos no que concerne ao ser e “como” ser, justamente por ter uma visão de outra percepção totalmente distinta da percepção habitual, sem aquela crosta de pensamentos repetidos, comuns e obsessivos. Acho que de todos os efeitos, o que eu julguei mais benéfico foi ver que vamos e estamos muito além disso, muito além dessa rotina e desses sentimentos comuns, podemos ver que há alguém que nós somos muito diferente do que gostamos de acreditar que realmente somos.

Embora o pequeno número de entrevistas nos impeça de fazer afirmações mais amplas, os relatos coletados são o suficiente para desconstruir as generalizações presentes no trabalho de Luigi Zoja. Observamos a necessidade de mais estudos para que as questões levantadas por este artigo possam ser efetivamente respondidas. Pudemos também observar um forte referencial de proteção, isto é, de redução de riscos e danos nos discursos do sujeito coletivo.

A pesquisa com enteógenos no Brasil ainda tem muito a avançar, disto não há dúvidas. Acreditamos que este campo de pesquisa ainda deva se ampliar para que seja possível a contribuição da psicologia com a redução de danos no uso de enteógenos, intervindo com novas perspectivas que potencializem os pontos positivos nos usos de SPA e explorem estes usos não rituais que são feitos com seus riscos e danos, mas também com criatividade e beleza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Michael Vannoy. **Hillman sozinho em busca da imaginação: A Psicologia do Bezerra de Ouro.** Texto apresentado à conferência “Psique e Imaginação” em 2006. Acessado em 15 de dezembro de 2010 no site: www.rubedo.psc.br/artigos/bezerra.htm+gra%C3%A7as+a+deus+sou+Jung+e+n%C3%A3o&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br

BESERRA, Fernando Rocha. **Para além do positivismo: contribuições da epistemologia junguiana para uma epistemologia complexa.** Monografia apresentada para a conclusão da graduação de psicologia na Universidade Veiga de Almeida. Orientador: Maddi Damião Junior. Rio de Janeiro, 2008. 57pp.

EROWID, Site especializado em Psicoativos. <http://www.erowid.org/> Acessado dia 1 de agosto de 2010 às 17:33.

ESCOHOTADO, Antonio. **O livro das drogas.** Dynamis Editorial. 1997.

FRANZ, Marie Louise von. **Psicoterapia** – São Paulo: Paulus, 1999.

HEADCOCK, R. A. Capítulo 3. *Psychotomimetics of the Convovulaceae*. In G.P.Ellis; G.B.West (ed). Progress in Medical Chemistry 11. North-Holland Publishing Company, 1975. Acessado em 02 de novembro de 2010 em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=XJcPg1B8FV0C&oi=fnd&pg=PA91&dq=badoh+negro&ots=GpUYnQivRH&sig=9kc0B-UATqSzwbe67crxbimF4yk#v=onepage&q=badoh%20negro&f=false>

HILLMAN, James. **A herança daimonica de Jung**. Conferência apresentada no Centro Italiano di Psicologia Analítica. Tradução: Gustavo Barcelos. 1987. Acessado em 15 de dezembro de 2010 em: <http://www.rubedo.psc.br/Artigos/heranca.htm>

HOFMANN, Albert. *Teonanáctl and Ololiuqui, two ancient magic drugs of Mexico. Bulletins on narcotics*. Issue 1, 1971. Acessado em 15 de agosto de 2010 em: http://www.erowid.org/plants/mushrooms/references/other/1971_hofmann_bulletin-narcotics.shtml#s110

JUNG, Carl Gustav. **Civilização em transição**. Petrópolis: Vozes, 2000.

-----, **Natureza da psique**. 6ª edição, Petrópolis: Vozes, 2006, A; 410p.

-----, **Presente e futuro**. 4ª edição: Vozes, 1999, 56p.

MCKENNA, Terence. **O alimento dos deuses**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

MELLO, Elizabeth C. Cotta. **Mergulhando num mar sem fundo: Introdução sobre a epistemologia atual e a clínica junguiana**. Monografia para obtenção do título de membro analista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica (SBPA). Rio de Janeiro, 2002.

OTT, Jonathan. *Pharmactheon: drogas enteogénicas, sus fuentes vegetales y su historia*. Madri: La Liebre del Marzo. 2004. 625p.

PIÑEIRO, Juanjo. *Psiconautas: exploradores de la conciencia*. Madri: La Liebre del Marzo, 2000.

PROGOFF, Ira. *Jung's psychology and its social meaning: An introduction statement of C.G. Jung's psychological theories and a first interpretation of their significance for the social sciences*. New York: Grove Press, 1955.

SCHULTES, Richard Evans; HOFMANN, Albert; RALSCH, Christian. *Plantas de los dioses: las fuerzas mágicas de las plantas alucinógenas*. México, fondo de cultura econômica. 2000.

WASSON, Richard Gordon. *Notas del status presente del Ololiuhqui y los Otros Alucinógenos de México*. De los Boletins del Museo Botánico, Universidad de Harvard, Vol 20 No 6, Nov 22 1963, p.161-212.

WEIL, Andrew. **Drogas e estados superiores de consciência**. São Paulo – Rio de Janeiro: Ground, 1986.

XAVIER DA SILVEIRA, Dartiu. **Dependências: do que estamos falando, afinal?** In XAVIER DA SILVEIRA, Dartiu et GORGULHO, Monica. Dependência: compreensão e assistência às toxicomanias (uma experiência do PROAD). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

-----, **Drogas: uma compreensão psicodinâmica das farmacodependências.** 3ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002; 85pp.

XAVIER DA SILVEIRA, Dartiu et MOREIRA, Fernanda G. **Reflexões preliminares sobre a questão das substâncias psicoativas.** In XAVIER DA SILVEIRA, Dartiu et MOREIRA, Fernanda (ORGS). Panorama atual de drogas e dependências. São Paulo: Atheneu. 2006. 493p.

ZOJA, Luigi. **Nascer Não Basta: iniciação e toxicodependência.** São Paulo: Axis Mundi, 1992. 150p.